



NA POLTRONA EM CHELIABINSKY

Tocou o telefone, aquele barulho inconfundível do celular tocando ou vibrando em cima da mesa de trabalho, mas apenas olhei, pois não pude atender de imediato, estava com cliente e então assim que terminasse com ele retornaria a ligação.

Poucos minutos depois ele foi embora para pensar na proposta de compra daquele produto e retornaria no dia seguinte então peguei o Yotaphone da mesa e liguei para o número que tinha tocado anteriormente.

A surpresa era muito boa, Aleksandra Ivanova me ligava, minha deslumbrante esposa numa manhã fria de Outubro.

- Oi querida, você me ligou?

- Sim, Andrei. Me senti sozinha e estava com saudades. O que você está fazendo?

- Estava atendendo um cliente.

- Já está perto do almoço, vem pra casa. Tenho uma surpresa. Você vai adorar.

E, claro, com aquela doçura na voz não dava para dizer não e também no trabalho estava um marasmo total então não custava nada sair um pouquinho mais cedo e – de repente – ajudar Aleksandra com o almoço.

Peguei meu novo carro e parti para casa, a uns oito quilômetros do trabalho, naquela hora ainda não havia o fluxo intenso que sempre há entre as onze e treze horas. Assim podemos fazer o trajeto de veículo calmamente sem se estressar ou correr algum risco no trânsito.

Estacionei o veículo na garagem e entrei pela porta lateral, deixei meus sapatos logo na entrada, como de costume de toda nossa gente e meu casaco e paletó também no cabideiro ao lado.

Abri a porta que dava da cozinha para a sala e vi no final da sala, perto da janela Aleksandra.

Aleksandra. Que visão.

Ela estava de joelhos numa poltrona encostada na janela, usando apenas um conjunto de lingerie branca e uma sandália vermelha de salto.

- Oi, o que está fazendo aí?

- Olhando a neve cair sobre a grama calmamente.



Cheguei e a abracei mordendo seu pescoço e apertando seus seios. Ela estava linda. Deliciosa. Ardente.

- Gostou da surpresa? – Me perguntou.

- O que você acha? Estava precisando disso. Você é demais. – Respondi.

Passei os dedos por suas costas e apertei suas nádegas e aproveitei para tirar seu sutiã que caiu sobre a poltrona e ali ficou contemplando nosso amor.

Beijei calmamente suas costas também, descendo milímetro a milímetro daquele corpo e encontrei suas nádegas arrepiadas. Lindas. E quando apertava seus seios, me deixava louco. Louco.

- Espera ai.

Ela saiu daquela posição na poltrona e sentou normalmente de frente para mim e disse “vem aqui, vou tirar suas roupas”. E ai começou pelo botão da camisa. Ouro botão.

Outro botão.

Mais um, mais um, mais um.... e a camisa estava ao chão.

Depois o cinto percebeu as mãos de Aleksandra afrouxando-o e deslizando ao botão e ao zíper da calça e indo ao chão. Então assim, só restava a cueca que não demorou mais que alguns instantes apenas para também fazer companhia às demais roupas, largadas ao chão.

- Amor, você já está assim? – Disse-me ela pegando meu sexo em suas mãos e o tratando bem.

- Como posso agüentar, você é demais.

Então ela cuidou dele e ele gostava cada vez mais, enquanto minhas mãos passeavam por seus braços, cabelos, boca e então ela mordida meus dedos.

Nisso ela se levantou da poltrona e pediu que eu sentasse ali. Então ela se afastou um pouco e ficou de costas para mim, marotamente e com movimentos sensuais livrou-se de sua calcinha que na parte de trás era um fio dental e uma perna após outra saiu daquela minúscula peça de roupa e daí encostou-se a mim de costas e sentou em meu colo. Seu sexo encontrou o meu e se uniram.

Apoiando suas mãos nos braços da poltrona iniciou a cavalcada sobre mim, primeiramente calmamente de um lado ao outro, para frente e para trás, para cima e voltando para baixo.



Depois mais rápido como num galope.

Eu resistindo e vendo seu corpo dançando sobre o meu louco para escapar numa explosão mas acorrentado sem poder partir.

Seus seios cada vez mais empinados e seus mamilos duros e duros.

Lembrei-me de cada momento que olhamos as russas caminhando pelas ruas de Cheliabinsky quando vamos ou voltamos do trabalho imaginando coisas safadas como todo homem normal.

Imaginando o quanto estas russas gostariam – de repente – de estar numa outra cidade afastada daqui, num lugar mais ensolarado, ou mesmo desta região e não fazer parte de perigos como o meteorito que passou aqui em cima em 2013 e danificando mais de 3.000 prédios por toda a cidade e nem fazer parte dos 1200 feridos.

Mas neste momento eu estava lá com minha amada, minha companheira de tantos momentos e aproveitando um momento maravilhoso que eu sei que lembrarei ainda por muitos e muitos anos.

Lembrarei dos detalhes de suas roupas, dos detalhes de seu cabelo, dos detalhes de seus lábios, dos detalhes de seu corpo dançando sobre o meu e me deixando louco.

Lembrarei de cada movimento. De cada movimento daquele lindo corpo dominando o meu apenas com seus delicados movimentos numa dança sedutora em cima de meu sexo.

Aquele movimento incisivo continuava alternando o vai e vem suave ao vai e vem provocante e daí parava um pouquinho e sua boca encontrava a minha.

Assim foi. E daí continuava ardentemente sobre meu sexo.

Até que não houve mais como agüentar seu ritmo e meu sexo se deu por vencido e lançou seu amor, num fluxo que fez nos abraçarmos ainda mais.

A neve continuava caindo do lado de fora cobrindo mansamente ainda mais a grama e as pequenas plantas que ainda resistiam ao abraço do inverno, naquele pedaço de Cheliabinsky.

Iuri Kosvalinsky

02.04.2017